



Cultura

RESISTÊNCIAS: HEROÍSMO EM CONTRACORRENTE

João Campos Rodrigues

joao.rodrigues@sol.pt

Até 17 de novembro, o festival de cinema Leffest organiza, entre Lisboa e Sintra, o simpósio internacional Resistências. 'É preciso trazer o corpo de volta à política', diz o curador Juan Branco.

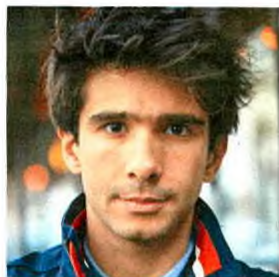
«Hollywood compreendeu que a maneira de fabricar desejo já não passa pela defesa de pessoas como o Bruce Wayne», o bilionário que se mascara de Batman para proteger Gotham de vilões como Joker. São «personagens que fazem justiça a partir de cima», analisa o franco-espanhol Juan Branco, advogado de Julian Assange, figura destacada dos coletes amarelos e correspondente do *Le Monde*. Branco escolheu *Joker*, de Todd Phillips, como um dos filmes a exibir no simpósio internacional Resistências, entre 15 e 17 de novembro, integrado na programação do Leffest – Lisbon & Sintra Film Festival, que acontece num momento em que, um pouco todo o mundo, de Hong Kong à Catalunha, passando pelo Líbano, Chile ou Iraque, o povo sai à rua em protestos.

Entre mesas redondas e debates programados em conjunto com a projeção de filmes, para o encontro viajam até Lisboa e Sintra líderes sociais que vão de Rafael Correa, ex-Presidente do Equador, até Maxime Nicole, porta-voz dos coletes amarelos, que debaterão com cinema de resistência como pano de fundo. Uma espécie de contra-WebSummit, como o descreve Juan Branco, curador do simpósio.

«Fazemos exatamente o contrário: é um evento aberto a todos, para que os portugueses possam estar com líderes sociais de todo o mundo, gente que teve riscos imensos para fazer o que fez. Foram presos, espancados, exilados. E criamos esse espaço nos locais mais luxuosos de Lisboa, como o Tivoli», explicou ao *SOL* Juan

Branco, que também foi convidado a discursar na Websummit, «um evento colonial incrível». «Os únicos portugueses com quem me cruzei foi quem estava a servir-nos, é alucinante. Tinha impressão de estar no Senegal em 1935». Só estavam presentes «os vencedores da globalização, que podem pagar entre 1500 euros e 25 mil euros para entrar no evento, onde ficam fechados, a privatizar à noite um bairro inteiro de Lisboa para a festa». Algo que «diz tudo da violência delirante deste modelo global».

Boa parte das personagens da Websummit poderiam muito facilmente ser comparados com a família Wayne, da maneira como é retratada no *Joker*, como nota



'A indignação já não produz nada. O homem político sabe que vai ficar afundada num mar de palavras', nota Juan Branco

Branco. «O desprezo neste filme vai para a família Wayne», salienta. Já no que toca ao *Joker*, interpretado por Joaquim Phoenix, «há uma suspensão do julgamento sobre os eventos, até assassinatos, muito rara da parte de Hollywood».

É que por baixo da loucura do *Joker* está Arthur Fleck, um comediante falhado, cujas angústias juntam a doença mental a uma versão hiperbólica da sociedade pós-crash financeiro de 2008. O filme explora como se fazem as revoluções, «como se socializa um sentimento que parece individual, narcista, mas que se transforma numa força social muito forte». Foi o que se passou em 2011 com Mohamed Bouazizi, o vendedor ambulante tunisino que se imolou após a ser humilhado publicamente e ver a sua banca de frutas confiscada, num gesto de desespero que espoletou as Primaveras Árabes.

Em retrospectiva, não espanta que por todo o mundo se tenham multiplicado os manifestantes que usam máscaras de *Joker* para protestar. Mas, na altura, «ninguém concebia que Hollywood podia produzir um filme desse tipo», nota Branco. A questão é que hoje em dia, «é a única forma de tocar o público hoje, falar desse sentimento de violência», assegura – e a indústria cinematográfica sabe disso.

«Só foi possível porque Hollywood fica longe de Washington», explica Branco. Já em França, «um grande produtor não pode marginalizar-se produzindo um filme tão transgressivo. Socializa com políticos, com gente de dinheiro, cria uma forma de autocensura».

O heroísmo de hoje

«O heroísmo hoje em dia está encarnado em pessoas que estão a sobreviver», assegura



Branco. «Especialmente em países como Portugal, em que não há capacidade de resistência significativa». É esse o heroísmo demonstrado em *Passámos Por Cá* (Ken Loach), que ontem foi exibido numa sessão de abertura seguido de um debate.

Conta a história de uma família que luta com uma dívida crescente, após o colapso financeiro de 2008. O pai, Ricky, dá por si a trabalhar numa empresa de transportes, que promete a liberdade de gerir o seu negócio. Acaba por se aperceber que se trata apenas da liberdade de não ter direitos laborais.

Essa sensação da sociedade trituradora pode ser vista no *Comportem-se Como Adultos* (do grego Costa-Gavras), baseado no livro em que Yanis Varoufakis descreve as suas reuniões com o Eurogrupo, quando era ministro das Finanças do recém-eleito

Syriza. «O único representante disso que íamos ter disso era o Varoufakis, que afinal não vem. E acho que fico contente», menciona Branco. Porque? «Porque é uma forma de resistência falhada».

Uma forma de resistência completamente diferente do que se observa em *Marighella* (Wagner Moura), cuja exibição contará com a presença do realizador no Leffest. O filme conta a história de um guerrilheiro comunista, na ditadura militar – e tece paralelos claros com o Brasil de hoje. «O interessante é que nem é preciso dizer o que vemos ou não no filme, é claro», nota Branco. O próprio atraso na exibição do filme no Brasil é revelador, causado pelos sucessivos obstáculos impostos pela Agência Nacional do Cinema (Ancine). A exibição no Leffest será uma das poucas nos próximos tempos, até que seja



O rosto pintado de Joker tem-se reproduzido em protestos por todo o mundo

permitido o lançamento oficial. Mas a proibição talvez tenha sido pretendido, «nunca tinha havido tanto entusiasmo com o filme», nota o advogado.

Trata-se de um filme «essencial», assegura o curador do **Resistir**. «Responde à necessidade de refletir sobre a resistência e a violência, um assunto sobre o qual pensamos muito». Mas Branco apresenta algumas pistas sobre a sua conclusão, através de uma frase do realizador Jean Jeunet: «Não há nada mais violento que uma rosa que nasce, porque rompe completamente o chão, reconfigura a natureza».

Mas para lá deste debate, por entre o estrondo dos tiros e das explosões, o que fica de Marighella é silêncio ensurdecedor da censura: durante muito tempo, a maioria dos brasileiros nem sabiam que a guerrilha existia.

Seria possível esse silêncio na era da internet? Apenas o contrário, assegura o advogado de Assange: «A indignação já não produz nada. O homem político sabe que vai ficar afundada num mar de palavras».

É por isso que os oradores convidados para o simpósio «não são Gretas Thunbergs. Utilizaram o seu corpo para resistir, de uma forma ou de outra».

Batalha campal

«Ouve-se o pai do Bruce Wayne, parece mesmo o Emanuel Macron, um ícone do progressismo liberal. Ouve-se as palavras e sente-se a mesma violência social», menciona Branco, enquanto fala do Joker. A referência não é casual. O advogado é autor do livro **Contre Macron** (Edition Divergence) e não esquece a repressão dos protestos dos coletes amarelos.

«Foi um dos poucos movimentos que conseguiu pôr no centro da agência mediática a vida quotidiana». Trata-se de uma coisa que não parece espetacular, gente que não tem recursos, mas os coletes amarelos deram-lhe outra dimensão, «entrando nos lugares mais luxuosos e elegantes de França, como os campos Elisios, para mostrar que existiam», explica Branco.

Essa disputa simbólica era «semelhante a uma batalha no século XVI». Ou seja: «Todos os sábados, num território anunciado, havia as forças do Governo e as forças de uma parte da população. Quem vencesse esse combate, ganhava legitimidade». O resto da semana, «era uma batalha moral», disputada nos media, nos bairros, nos locais de trabalho, o resto da semana. «Mas no final da semana, todos aceitavam voltar».

Entre gigantes, perdas e ruínas

O 13.º Leffest junta, na seleção para a competição da 13.ª edição, 12 novos filmes de territórios (e géneros) diversos.

Patrick, o filme que marca a estreia de Gonçalo Waddington na realização e que, inspirado no caso de Rui Pedro, conta a história possível de um jovem que, 12 anos depois de ter desaparecido em Portugal, reaparece já adulto numa prisão de Paris, é a obra que assinala a presença portuguesa em competição do Leffest, que com **Passámos por Cá**, o novo filme de Ken Loach, arrancou ontem para a sua 13.ª edição, entre Lisboa e Sintra. As cidades por onde justamente passam **Lisbon Story** (1994) e **O Estado das Coisas** (1982), filmes de Wim Wenders a que o festival regressa numa programação de sessões especiais com a presença do realizador de **Paris, Texas** e **As Asas do Desejo**.

Por territórios bem mais vastos viajará a seleção oficial do festival dirigido por Paulo Branco. Numa secção competitiva a reunir 12 filmes, ao ator, encenador e realizador Gonçalo Waddington juntam-se nomes como Abel Ferrara, com o seu mais recente **Tommaso** (regresso à colaboração com Willem Dafoe, um dos homenageados da edição) ou Bertrand Bonello, o realizador de **Saint Laurent** (2014) e **Nocturna** (2016), que a Lisboa traz A

Criança Zombie: uma história de terror contada a partir da história do colonialismo francês no Haiti. Também de França, compete **Fête de Famille**, de Cédric Kahn, ator e realizador que dirigiu **La prière** (2018).

Da Rússia, do realizador Kan-temir Balagov, em Cannes distinguido com o prémio **Un Certain Regard de Melhor Realizador**; **Violenta**, um filme em que recua a uma Leninegrado devastada pela II Guerra Mundial para acompanhar duas mulheres à procura de reconstruírem a sua vida entre ruínas. Mas também **The Criminal Man**, de Dmitry Mamuliya.

Para além de outras três produções europeias dignas de destaque – o contido e ainda assim brutal **A Flor da Felicidade**, de Jessica Hausner; **O Que Arde**, uma história sobre o problema dos incêndios na Galiza rural assinada pelo francês Oliver Laxe, e o distópico **Atlantis**, de Valenty Nasyanovych – a competição deste 13.º Leffest viaja ainda a um território tão distante quanto o chinês.

Com **O Lago dos Gansos Selvagens**, de Diaoyi Yinan, espécie de *film noir* passado nas margens de um lago, e **Ballon**, rodado pelo tibetano Pema Tseden na sua província natal. De estreantes na longa-metragem (e na realização, de resto), ainda uma perturbadora história americana de *coming of age* de Grear Patterson: **Giants Being Lonely**.

Cláudia Sobral



Patrick, de Gonçalo Waddington